

# Educação e Gênero: problemas de uma voz quase imperceptível nos currículos\*

Maria José Lindgren Alves

## RESUMO

Aborda-se o tema da mulher relacionado à educação. Através de exemplos extraídos do cotidiano de jornais e da observação da própria vida, além das palavras de autores que se vêm destacando não apenas na conceituação e na discussão de gênero, mas também nas questões dos direitos humanos, o preconceito contra a mulher vai sendo mostrado e demonstrado em suas repercussões negativas que vêm desde a família, continuam na educação escolar, para desembocar na sociedade como um todo. Indaga-se sobre o lugar próprio da problemática, sobre seu(s) campo(s) de inserção; demonstra-se a importância da conceituação de gênero; responsabiliza-se a escola pela "fabricação" do masculino e do feminino, mas não se pretende "culpar" os/as profissionais

da educação pelos equívocos ou omissões, mas apenas chamar a atenção para os possíveis "estereótipos" encontrados ainda em muitas escolas brasileiras ainda constituídas de profissionais predominantemente do sexo feminino.

**Maria José  
Lindgren Alves**  
*Ex-coordenadora do  
Ensino Básico da  
Secretaria de Estado de  
Educação do Estado do  
Rio de Janeiro e mestranda  
em Educação da PUC-RJ*

**Palavras-Chave:** gênero/sexo - campo - conferências - currículo - con(formação) social - direitos humanos - cultura - estereótipos - escola - professor/a

**"Quando eu nasci um anjo esbelto des-  
ses que tocam trombeta, anunciou:  
Vai carregar bandeira. Cargo muito pe-  
sado pra mulher, esta espécie ainda en-  
vergonhada."**

(Adelia Prado)

(\*) Este texto foi elaborado, em 1998, a partir de trabalho escrito e seminário interno do Curso Cotidiano Escolar - Cultura(s), da Prof<sup>a</sup> Vera Candau, da PUC-RIO, em 1997

As palavras da poetisa mineira Adelia Prado demonstram a necessidade de se manter aceso, na escola, como na sociedade em geral, o debate sobre um dos temas mais freqüentemente esquecidos nos currículos escolares brasileiros, que é o problema de gênero, com enfoque especial na mulher.

Como início de abordagem do tema proposto no título do trabalho, optou-se por colocar duas indagações que podem situar o(s) campo(s) da questão: seria esta uma questão apenas cultural ou, ao mesmo tempo, estaria inserida na área de direitos humanos?

Em seguida, parece-nos importante tentar, com a ajuda de estudiosos, estabelecer a diferença entre gênero e sexo, esclarecendo que, se não está aqui enfocado o gênero masculino em condição de paridade com o feminino, isto se deve ao fato de não ser possível colocar em pé de igualdade os dois gêneros, numa sociedade de cultura predominantemente "machista", como é a nossa ainda hoje.

Registre-se, no entanto, que também para os homens nem sempre tudo ocorre de maneira tranqüila. São causas de conflito e mal-estar para o homem, observadas no cotidiano da família e da escola, as exigências que lhes são feitas pela mesma sociedade que lhes dá preponderância de poder - uma sociedade que sempre cultivou atitudes "de homem" às quais, muitas vezes, ele não consegue corresponder e, agora, lhe exige mudanças de hábitos arraigados, por sutis

e lentas que sejam, que sempre acarretam problemas de adaptação a uma nova e mal assimilada cultura de igualdade.

Pode-se afirmar que, em nossa cultura ocidental, o mundo, hoje, sobretudo nas classe médias de grandes centros urbanos, vai paulatinamente cedendo às pressões e permitindo, aqui e ali, maior igualdade de direitos, principalmente no que se refere à inserção profissional, ainda que seja onerosa a dupla jornada de trabalho imposta às mulheres, dificultando o alcance ao grau de profissionalização almejado.

Os avanços se vêm dando, especialmente, graças aos esforços dos movimentos feministas que, durante muito tempo, foram negligenciados ou ridicularizados, às vezes pelas próprias mulheres, talvez devido a informações deturpadas que reduzem o problema a simples protesto de grupo minoritário homossexual.

A questão educacional enfatizada no presente texto tenta refletir um pouco sobre os impasses e controvérsias para vencer os preconceitos, detendo-se mais naqueles pontos diretamente ligados à educação e ao magistério, enquanto profissão eminentemente feminina, a uma educação escolar que pode acirrar preconceitos e "conformar" os gêneros.

As principais reflexões são apoiadas na palavra de pessoas de reconhecida presença no debate sobre o tema: pensadores/as, educadores/as, lutado-

res/as, ou até mesmo de testemunhas incógnitas, que lançam luzes sobre a perturbadora questão ainda cheia de empecilhos sérios para o avanço das soluções.

Vislumbram-se esperanças promissoras no crescimento dos embriões do tema na escola os quais, talvez seguindo inspiração desta ou daquela proposta estadual ou municipal mais audaciosa, começam a aparecer também no nível federal, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, recentemente publicados e distribuídos em 1998 pelo MEC, para todos os professores dos quatro primeiros anos da educação fundamental.

## 1. Gênero - uma questão cultural e/ou de direitos humanos

**"Eu não sei ler porque meu pai achava que mulher não precisava de estudar"** (Creusa, empregada doméstica do Rio de Janeiro, já com cerca de cinquenta anos, em 1994)

Esta resposta de Creusa a uma pergunta por mim formulada leva-nos a pensar no quanto não tem sido colocado em prática aquilo que nos fala Boaventura Santos: "...as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza". (Santos, 1997, p.122)

Ainda que o autor não estivesse abordando no texto mencionado o problema específico de gênero, parece-me que a citação tem tudo a ver com o problema da mulher, sobretudo com o tratamento até hoje dado à mulher nas diferentes culturas.

O mesmo autor se refere, com otimismo, a novas propostas de diálogos interculturais de direitos humanos. Concordo com a utopia, que ele próprio admite, contida nessa idéia, mas não se pode perder a esperança de que esta utopia se torne realidade algum dia, principalmente se o mundo "globalizado" de hoje se dispuser a discutir com frequência e tornar realidade as conclusões dos debates nacionais ou internacionais sobre as graves questões que envolvem a mulher nas diferentes culturas.

Medeiros, em artigo vertido para o espanhol, que escreveu a partir da Conferência de Beijing de 1995, considera gênero mais do que uma construção social, uma construção cultural e histórica determinante normativa do masculino e do feminino na sociedade, assim como das identidades subjetivas e objetivas, chamando a atenção para a valorização social assimétrica e para a relação de poder entre o masculino e o feminino, em que o papel destinado às mulheres no terceiro mundo é de subordinação. (Medeiros, 1995)

Alves (1997) em artigo que reproduz reflexões sobre a agenda social da Nações Unidas nos anos 90 nos deixa um pouco menos pessimistas, pois en-

quanto relata as principais Conferências sobre os Direitos Humanos, vai-nos mostrando o quanto se tem procurado, em nível mundial, saídas para as desigualdades entre os gêneros, com denúncias sobre os maltratos sofridos pelas mulheres.

Nessas Conferências são denunciados, como não podia deixar de ser, os absurdos rituais de mutilação sexual de determinadas culturas fundamentalistas, ou, menos pungente, mas também importante, fica evidenciada a dificuldade de serem abordadas questões aparentemente bem enfrentadas hoje, no mundo desenvolvido, pelo menos, como o aborto não criminalizado (Leiria, 1998, p.17)<sup>1</sup>, ou ainda, a marginalização freqüente - problemas constantes que penalizam as mulheres em todo o mundo.

Entre os títulos e as declarações reproduzidos, junto com comentários do autor por mim traduzidos livremente do inglês, ressaltam-se alguns favoráveis à mulher, principalmente nas seguintes conferências mundiais: Rio de Janeiro (1992), Viena (1993), Copenhague (1994) e Beijing (1995), apesar da luta travada com os conservadores e não apenas do mundo islâmico:

· "ação global para as mulheres em direção ao desenvolvimento

sustentável e eqüitativo" - uma espécie de prelúdio a um dos três principais focos da Conferência das Mulheres de Beijing: igualdade, desenvolvimento e paz. (Agenda 21, cap. 24)

· "... a atenção sem precedentes (Conferência de Viena sobre Direitos Humanos) dada aos direitos da mulher - enfocados, mais uma vez, e expandidos nas Conferências do Cairo e de Beijing". (Comentário do autor, p.20)

· objetivo de promover completo respeito pela dignidade humana e conseguir igualdade e eqüidade entre mulheres e homens, reconhecendo e incentivando a participação e os papéis de liderança das mulheres na vida política, civil, econômica, social e cultural e no desenvolvimento. (Copenhague, item 5)

· produção de dois importantes documentos na Conferência de Beijing, apesar das dificuldades: "uma Plataforma de Ação de mais de 120 páginas e uma declaração bem mais curta. Enquanto a Plataforma apresenta um diagnóstico socioeconômico dos problemas que afligem as mulheres no mundo de hoje, seguido de recomendações concretas sobre modos de enfrentamento de cada sociedade, a declaração de Beijing é um manifesto político, através do qual os

<sup>1</sup> O aborto já foi aceito e regulamentado, com diferentes perspectivas, em 15 países da União Européia, e até mesmo Portugal, país católico por excelência, faz referendo para decidir sobre a questão (Jornal do Brasil/Rio, INTERNACIONAL, domingo, 28 de junho de 1998).

governos devem comprometer-se a conduzir a implementação da Plataforma de Ação". (Comentários do autor, p.33)

Notícias publicadas em jornal de 1997 nos informam que, no bloco econômico do Mercosul, as mulheres se reúnem para discutir temas e debater a discriminação dentro do próprio organismo latino-americano (Jornal do Brasil, 30 nov. 1997). A grande preocupação dos comentaristas é com a participação ainda pequena de mulheres nas Comissões do Mercosul (10% dos membros).

De qualquer modo, as mulheres latino-americanas estão alerta para solicitar maior representatividade nas instâncias de tomada de decisões para a inserção igualitária no mercado de trabalho, entre outras preocupações.

Atitudes e palavras como as descritas acima, tanto nas grandes conferências, como em reuniões menores, demonstram o debate e a reflexão dos organismos internacionais a respeito da "utopia de diálogos interculturais" e podem promover um espalhar de sentimentos importantes para um maior grau de positividade do mundo diante da questão feminina.

Deixam claro, também, que o problema da mulher está inserido na questão mais ampla dos direitos humanos, uma vez que o preconceito atravessa diferentes tipos de cultura.

## 2. A Importância da Conceituação de Gênero

Foram selecionadas para o trabalho algumas conceituações de gênero entre as que nos pareceram dar maior contribuição à discussão, sobretudo com referência à divisão sexual (biológica) e às relações sociais de poder.

Segundo Scott, conforme Martinez (1997, p.254), a definição de gênero está subdividida em duas partes, a saber, como "elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos" e como "forma primária de dar significado às relações de poder".

Para Louro (1995, p.173), a primeira idéia que tem sido acentuada na procura do complexo conceito de gênero é a de que seu significado não é o mesmo de sexo.

A frase da grande escritora Simone de Beauvoir "Ninguém nasce mulher; torna-se mulher", citada no mesmo texto de Louro, ilustra o conceito de "construção social" contido em gênero, isto é, uma construção que não se dá apenas dentro da família e da escola, mas que permeia toda a sociedade nos "discursos, dispositivos e práticas políticas", ao que Martinez acrescenta "numa conotação de dimensão psicológica e cultural da vida humana" (Martinez, 1997, p.253). O conceito de gênero é, pois, diferente do conceito de "identidade biológica" ligado a sexo (macho

e fêmea).

Quanto à relação de poder claramente percebida entre os gêneros masculino e feminino, já abordada no texto de Medeiros citado no item anterior, concordamos ainda com Martinez e outros que, ao se levar em conta a categoria gênero, há que se rejeitar as explicações biológicas que, freqüentemente, reiteram formas de dominação. Como ilustração, vejamos alguns exemplos de frases ou expressões que, pretensamente, caracterizavam ou ainda caracterizam as mulheres, repetidas em nosso cotidiano ao longo dos anos e introjetadas no imaginário feminino: "o homem é o sexo forte, a mulher é o sexo frágil"; "o homem é inteligente, a mulher é intuitiva"; definições irônicas e maldosas de características de mulher elaboradas por intelectuais, como Bernard Shaw: "ser de cabelos longos e idéias curtas", ou por médicos considerados competentes, mas que se mostram bastante preconceituosos: "mulher é um bípede constipado que sofre de cefaléia e lumbago".

É preciso enfatizar, no entanto, que a idéia de uma "essência" feminina ou masculina "universal, trans-histórica e imutável" é hoje refutada, uma vez que o que se produz socialmente está sujeito a contínuas transformações em diferentes campos, como o político, o econômico e o cultural. Nesse ponto, mencione-se o sociólogo francês Pierre Bourdieu, citado

em Martinez (1997, p.255), que fala de uma divisão histórica de trabalho que destina o homem "à política, ao espaço público, à administração, à força, ao trabalho assalariado no exterior (da casa)..." e refere-se ao "abuso da autoridade social" do elemento mais predominante na sociedade, até hoje, que é o homem.

Lembramo-nos, com alívio, de que tudo isso parece estar mudando lenta e gradativamente, certamente devido aos esforços das feministas, dos/das estudiosos/as das questões de gênero, das conferências nacionais e conferências dos organismos internacionais de Direitos Humanos, das matérias publicadas em jornais e revistas<sup>2</sup> e ainda nas palavras de poetisas, como a espanhola Maria Pilar López, que reproduzo:

**" Los hombres me han robado/ me roban a diario/ y yo no los perdono".**

Mesmo biologicamente são perceptíveis, pelo menos em nossa cultura, processos de transformação decorrentes dos avanços científico-tecnológicos, como, por exemplo, a possibilidade da maternidade tardia, hoje compatível com bebês saudáveis, se bem acompanhada a futura-mãe pelos especialistas - o que dá à mulher mais tempo para decidir se quer ser mãe - ou ainda a postergação do envelhecimento feminino com o uso de hormônios e a recomendação de exercícios físicos que dão à mulher madura

<sup>2</sup>A Revista Época, ano 1 nº5, jun.1998, p.122, publica nota sobre Cláudia Costin, secretária executiva que assume o Ministério da Administração, chamando atenção para o fato de ser a única mulher no governo federal.

acesso a uma vida mais sadia e à sexualidade prolongada.

Importa ressaltar que, devido, sobretudo, às grandes desigualdades de oportunidades financeiras e educacionais, em nosso país ainda um número bastante reduzido de mulheres têm acesso a esses avanços.

### 3. A Escola e a vida social como “fábricas” de homens e mulheres

Neste ponto, impõe-se a reflexão sobre o papel da escola e da vida social na construção dos gêneros.

A “acomodação e resistência” identificadas por Anyon (1990) como formas contraditórias, mas legítimas, de sobrevivência da mulher, comparáveis à dos escravos no Brasil-Colônia, ainda persistem na sociedade brasileira e, muito provavelmente, em muitas partes do mundo.

Nas escolas observadas por Anyon são citados exemplos de “acomodação”, extraídos de escolas de classe trabalhadora e de classe média, como a aceitação do uso de saias e vestidos pelas meninas de 5<sup>o</sup> série, a pouca agressividade intelectual, os grupinhos de conversa e risinhos nos pátios da escola., junto às tentativas de “resistência” das meninas para se saírem melhor

nos estudos que os meninos; a formação de “Clubes de Meninas”, como contrapartida aos “Clubes de Meninos”. Nas escolas de classe média alta foi detectado o predomínio da “resistência”, procurando-se superar os estereótipos femininos na participação igualitária em jogos antes considerados “masculinos”, no uso de calças compridas e macacões - roupas unissex<sup>3</sup>.

Se atentarmos para o mundo à nossa volta, em especial para as classes menos favorecidas, perceberemos que o preconceito quanto à escolarização das mulheres realmente durou muito tempo, ou ainda perdura, conforme fica evidenciado nas palavras da empregada doméstica Creusa, citadas acima. Ao longo da história brasileira, restringiu-se o direito à escolaridade aos homens, conforme nos fala o texto de Faria (1997), afirmando que, quando a escola se abriu às mulheres, separaram-se as disciplinas “próprias” para homens daquelas “adequadas” às mulheres.

Segundo a autora, o Plano Nacional de Educação de 1937 reservava às meninas de 12 a 18 anos “um ensino dito ‘doméstico’, equivalente ao ensino médio feminino, principalmente nas escolas de meninas de origem mais humilde: doméstico geral, doméstico agrícola e doméstico industrial, com o objetivo de preparar as mulheres para a vida do lar e formar professoras para esse sistema”. (Ibid., 1997, p. 39).

<sup>3</sup> Observo que, no Rio de Janeiro de hoje (1998), diferenças de modos de vestir foram superadas também nas escolas como públicas.

Mesmo tendo mudado um pouco a situação, em 1942, o Estatuto Capanema e a Lei Orgânica do Ensino Secundário continuavam com recomendações de “exclusiva freqüência feminina” em estabelecimentos de ensino para mulheres ou de divisões em classes de meninos separadas de meninas, persistindo a disciplina de Economia Doméstica e a orientação metodológica condizente com a “personalidade feminina” e com a “missão da mulher dentro do lar”.

Assim, a “fabricação ou conformação” de homens e mulheres que começava (ou começa) na própria família, vai formatando na escola “corpos e mentes”, através de maneiras próprias a um ou outro gênero de se movimentar, de se comportar, de se expressar e, até mesmo, de se “preferir” (Louro, 1995, p.177), o que indica uma “acomodação”, uma docilidade, certamente condizente com as conhecidas idéias de Foucault (1977, p. 135) ao se referir aos “corpos dóceis” nas instituições, como quartéis, asilos e escolas.

Do mesmo modo que a sociedade separa negros/brancos, judeus/católicos/protestantes, ricos/pobres, homens/mulheres, heterossexuais/homossexuais também a escola vai enfatizando divisões, “construindo” tipos hegemônicos de masculinidade e feminilidade, esperando desempenhos diferentes, comportamen-

tos típicos de um ou outro gênero, até mesmo através da linguagem, freqüentemente despercebida, que engloba “os alunos”, “os professores”, “os companheiros”, “os pais” (o que se torna mais grave em escolas onde, com freqüência, a presença das mães é predominante em encontros referidos como “reunião de pais”).

Trata-se de estereótipos arraigados na nossa cultura e, claro, reproduzidos no universo escolar.

Estereótipos na escola!? Onde ficam os professores e as professoras?

O que dizer-se da atitude do magistério - profissão que se iniciou predominantemente masculina e foi-se tornando uma “profissão de mulheres”?<sup>4</sup> Louro nos desanima ao apontar para as diferenças de atitudes das *mestras* em relação aos meninos e às meninas, a partir de pesquisa de Valerie Walkerdine sobre desempenho de garotas em matemática: quando as meninas se saem bem é porque “seguem as regras ou trabalharam duro”. (Louro, 1995, p.178) e não porque sejam tão capazes de aprender quanto os meninos.

Ao final dos anos 80, os comentários de um coordenador de turno de escola pública, dirigidos às meninas de 6ª série, até hoje premanecem gravados em

<sup>4</sup> O CNTE Notícias, do Conselho Nacional de Profissionais da Educação, na página da INTERNET de 02/06/98, publicou resultado de pesquisa sobre saúde dos trabalhadores em educação que fala na tendência hoje à “desfeminização do ensino”, uma nova mudança, sem dúvida. Ver <http://www.brnet.com.br/cnte/7.htm>

minha memória: "Vocês têm que parar de se esfregar nos rapazes aí pelas esquinhas; depois ficam grávidas e não sabem de quem foi a culpa". São, sem dúvida, palavras que podem prejudicar sexualmente meninos e meninas adolescentes. E aqui me parece que ambos os gêneros passam a ter quase o mesmo peso.

Eis aí um quase prognóstico de iniciação sexual ou de prostituição que pode se tornar importante fator de distorções por toda a vida. O fato de o coordenador ter falado "na melhor das intenções", conforme afirmou mais tarde, evidencia o despreparo do professor para lidar com a igualdade entre os gêneros e enfatiza os estereótipos do que pode ser próprio para homem e impróprio para mulher, que permeiam toda a sociedade ainda hoje.

Aproveito as palavras de Dayrell: "Nessa criação de imagens e papéis, onde geralmente se expressam com mais clareza os preconceitos e os racismos existentes nas relações, são comuns as imagens ligadas à cor ou à raça, e mesmo a questões sexuais, com ênfase no homossexualismo e na prostituição" (Dayrell, 1996, p. 154).

#### 4. Concluindo

Seriam muitas as questões ainda merecedoras de atenção num trabalho sobre educação e gênero, com enfoque prioritário na questão feminina. Impossível esgotá-las todas, aqui.

Mesmo tendo optado apenas por três pontos do problema, ainda assim

procuro simplificar os subtemas, considerando que os pontos selecionados parecem relevantes.

Relembro que, neste artigo, procuro demonstrar pontos que parecem relevantes na discussão de Educação e Gênero: a importância de se estabelecer a diferença conceitual entre sexo e gênero; a inserção do problema das relações entre os gêneros em dois mundos concomitantes, isto é, no mundo intercultural e no dos direitos humanos; a escola e a sociedade vistas como "fábricas", às vezes, bastante produtoras de diferenças improdutivas e desigualdades traumatizantes, criando estereótipos através de espaços de distinções de um e outro gênero.

Mas o que não se pode deixar de destacar é que, em relação ao papel dos professores e das professoras na possível absorção, por parte do alunado, de idéias que vão configurando cada um dos gêneros, acentuando ou minimizando os preconceitos, particularmente aqueles relativos à mulher, a culpa não cabe ao magistério apenas. Ao nos determos na história distintiva de gêneros, na omissão nos livros didáticos da história da mulher, que tem sido a tônica da educação brasileira e, em consequência, se atentarmos para os cursos de formação de professores/as, notaremos que se encontram, em geral, carregados de falhas, necessitando de reformulação urgente.

Estaríamos caminhando, em educação, em direção a um progresso

efetivo em relação à superação dos preconceitos em geral, e às questões de gênero em particular? - Quero pensar que sim.

Acredito que representam um pequeno avanço os "Temas Transversais" inseridos nos currículos do ensino fundamental (MEC/INEP, 1997), apesar das críticas que se possa fazer ao documento, entre as quais ressalto a inserção do problema de Gênero no capítulo da Orientação Sexual, o que nos parece pobre para a discussão.

Talvez possamos, através do incentivo permanente ao debate, à troca de opiniões dentro da escola em seu

dia-a-dia, com a contribuição indispensável da academia, despojando-nos, nós mesmas, de idéias preconceituosas que certamente ainda nos acompanham e de idéias pré-concebidas em relação às intenções de governantes, fazer germinar os frutos desejáveis a uma nova e promissora composição social que envolva a todos, pelo menos no tocante à educação.

E, mais que tudo, há que lutar dentro do sistema educacional, pois ele "tem que contribuir para situar a mulher no mundo, o que implica, entre outras coisas, redescobrir sua História, recuperar sua voz perdida." (Santomé, 1995, p. 172)

## ABSTRACT

We talk about women issues in relation to education. Through examples taken from daily newspapers and the observation of life itself, besides some authors' words which have been standing out not only in the conceptualization and discussion of gender, but also in issues related to human rights, the prejudice against women is shown and demonstrated with negative repercussions which begin inside the family, continue at school education and spread into society as a whole. We wonder what the proper place/field of the problem should be; it is stated the importance of the concept of gender, school is viewed as the responsible for "building up" the masculine and the feminine genders, but we do not intend to put the blame on the teachers for mistakes or omissions, but to call their attention to possible "stereotypes" still found in a lot of Brazilian schools, formed mostly by professionals of the feminine gender.

**Key-Words** gender/sex - field - conferences - curriculum - social format - human rights - culture - stereotypes - school - teachers (men/women)

## RESUMEN

Se considera el tema de la mujer relacionado a la enseñanza. A través de ejemplos cotidianos de los periódicos y de la observación de la propia vida, además de las palabras de los autores que se destacan no sólo por las cuestiones de derechos humanos, el prejuicio contra la mujer viene siendo mostrado y comprobado en sus repercusiones negativas que provienen desde la familia, y continúan en la escuela para desembocar en la sociedad en general. Se pregunta dónde está localizado el problema, cuáles son sus campos de inserción: se muestra la importancia de la conceptualización de género, se responsabiliza la escuela por la "fabricación" de lo masculino y de lo femenino, pero no con el propósito de culpar a los maestros por errores u omisiones, sin embargo, llama la atención para los posibles "estereotipos" que aún están en muchas escuelas brasileñas, constituidas por profesionales de sexo femenino en su mayoría.

**Palabras-Clave:** género/sexo – campo – conferencias – currículum – con (formación) social – derechos humanos – cultura – estereotipo – escuelas – maestros/maestras.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, J.A.L. *The U.N. social agenda against "postmodern unreason"*. 1997. Xerox de documento de curso realizado em Atenas, Grécia.
- ANYON, J. *Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais*. Tradução por Edith P. Piza. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.73, p.13-25, maio 1990.
- BRASIL. Decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. *Lex: Coletânea de Legislação: Legislação Federal e Marginalia*. São Paulo, v.6, p. 179-95, 1942. Publicado em Diário Oficial de 10, 15 e 20 de abril de 1942.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares. nacionais*. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. SEF. *Parâmetros curriculares (1º a 4ª série)*. Brasília, DF, 1997.
- CANDAUI, V.M. *Mudanças culturais e redefinição do escolar: tensões e buscas*. Rio de Janeiro: PUC, 1997. Xerox.
- COSTIN, C. *Revista Época*, Rio de Janeiro, v.1, n.5, p.122, jun. 1998.
- DAYRELL, J.T. Escola como espaço socio-cultural. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- FARIA, L.C.M. *Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997. 173p.
- FARIA, L.C.M. *Olhar feminino sobre ideologias e utopias dos anos 60: "discurso fundador" de uma geração*. Rio de Janeiro, 1996. 209f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Tradução por Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1977.. Tradução de Surveille et punir.
- LOURO, G.L. Educação e gênero: a escola e a produção do masculino e do feminino. In: SILVA, L.H., AZEVEDO, J.C. (Org.) *Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995.
- LEIRIA, L. Portugal decide se aborto é crime: modernização da sociedade portuguesa permitiu realização, hoje, do referendo que pode tornar legal interrupção voluntária da gravidez. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1998. Internacional p.17.
- MEDEIROS, H.A. *La Educación como un proceso de construcción da la ciudadanía de las mujeres*. Versão por Beatriz Cannabrava. Rio de Janeiro, 1995. Xerox.

MARTINEZ, S.A. Questões de gênero e formação de professores/as. In: CANDAU, V.M.F.(Org.) *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis RJ.: Vozes, 1997.

SANTOMÉ, J.T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T.T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em Educação*. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995. (Estudos culturais em Educação)

SANTOS, B.S. Uma concepção multicultural de direitos humanos. *Lua Nova: Revista de Cultura Política Governo & Direitos: CEDEC*. n.39, p.106-24, 1997.